



UMA CASA PERTO DA CASA DOS HOMENS PARA JP

A HOUSE CLOSE TO THE MEN'S HOUSE FOR JP

PESSANHA, JULIANO GARCIA. RECUSA DO NÃO-LUGAR. SÃO PAULO: UBU EDITORA, 2018. 192 P.

Thiago H. Fernandes*

* thiagohfernandes@gmail.com
Doutorando em Literatura brasileira, USP (São Paulo/SP). Prof. assistente de literatura, UESPI.

Este livro trata da determinação existencial e do anseio de se ter um “eu”. Como alguém acolhe a determinação existencial e cabe no mundo? Em meus textos anteriores eu não pude responder bem a essa pergunta por falta de repertório adequado para pensar positivamente. Excluindo essa diferença de foco, Recusa do não-lugar – híbrido de filosofia, caso clínico e literatura testemunhal – dá sequência a um pensamento de transições e passagens do Fora ao Dentro, da exclusão à inclusão.¹

Inicia-se assim a apresentação de *Recusa do não-lugar*, último título do autor paulistano Juliano Garcia Pessanha. A clareza e concisão que encerram uma investida de longa duração, típica num trabalho acadêmico, por exemplo, definem não apenas o pequeno trecho acima, mas toda a introdução. Em alguma medida, como numa espécie de pacto contratual, fica estabelecido, sob alguns termos, uma

verdade mínima, a de um ponto novo (um depois) surgido na malha de um testemunho transiente,² anunciado quando a expressão serviu como título aglutinador da então obra completa do autor (um antes), publicada pela Cosac Naify em 2015. Transiente, portanto, não apenas a condição daquele conjunto de textos/lembranças mandadas ao mundo face o sentimento de estar “dentro de um trem que jamais parou”,³ mas também o limite que pretenderam estabelecer.⁴

Acertada parece, portanto, a expressão utilizada por Roberto Taddei na quarta capa do livro, este uma “Paixão segundo JP”, como se à imagem da protagonista clariceana,

2. *Testemunho transiente*, o título, compila *Sabedoria do nunca* (1999), *Ignorância do sempre* (2000), *Certeza do agora* (2002) e *Instabilidade perpétua* (2009), lançados pela Ateliê Editorial.
3. PESSANHA. *Testemunho transiente*, p. 197.
4. Outro indicativo, no volume, da guinada futura aparece na forma de dedicatória: “Para Luciana Araujo, que inscreveu em minha carne o livro que ainda não está aqui” (PESSANHA. *Testemunho transiente*).

1. PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p.11.

Pessanha tivesse tocado num extremo suspenso, duração de uma queda ao longo de muitos anos e páginas, para, enfim, chocar-se contra o chão. Esta interrupção do movimento incessante como poder de dubitação da poética de uma “inicialidade sem-fim”⁵ no autor, e seu restabelecimento a partir de outra carteira de termos, por certo, não deveria soar agora, assim, tão improvável. Talvez não fossemos capazes de antecipá-lo quando do lançamento da reunião tetralógica por um apego demasiado ao conteúdo estritamente autoral, obliterando as pistas que este poderia nos dar sobre as dimensões de vida e circuito literários, ou mesmo, de sua ameaça por um esgotamento de projeto. O pragmatismo da vida anunciado em *Recusa do não-lugar* é também a urgência de um pragmatismo da literatura, enquanto corpo de ideias, ponto a que ainda devemos retornar.

Peter Sloterdijk, filósofo alemão, traduzido para o português, é o nome, ou impulso central dessa guinada panorâmica, é ele o grande fio de ancoragem no presente para o autor. Como nos mostra Pessanha, Sloterdijk “inaugura um novo paradigma para a filosofia do século XXI e renova as bases da conversação filosófica. Uma conversação mais ampla, mais aberta, mas complexa e menos extremista e vanguardista”.⁶ O foco estará, em especial, nos três volumes de seu grandioso projeto *Esferas*; narrativa sobre estar no mundo, desde a gestação, enquanto ocupação de

espaços interiores, a passagem entre eles em contínuos processos de migração; uma dinâmica que sugere aliados, a constituição de uma “zona imunológica” que não permite a perigosa exposição ao Fora. Esta vocação ao trabalho dual reposiciona, ainda, sob o foco a psicanálise de Winnicott, como Pessanha faz questão de destacar – apesar de não ser explicitamente situada na narrativa de Sloterdijk – desviando-se, assim, da linguagem objetual freudiana.

É fato que este pensamento novo, esta nova dicção se dá a conhecer através da elaboração de um corpo de linguagem característico e que, dado o tipo de abordagem, soaria apenas como um conjunto de meras formalidades na perspectiva do autor. O princípio da ressonância é o mais destacado, a eleição de aliados por parte de Pessanha,⁷ autores de que possui grande conhecimento, mas que aparecem em sua literatura transgredindo em muito a lógica da citação ou a exposição do homem culto. Trata-se de uma relação simbiótica, “gestos antropofágicos”,⁸ um falar através de, na medida em que de um ponto de revelação no outro passa-se a um reverso persecutório. Esta é também a medida da alternância do protagonismo de enfoques (o que chama o autor de misto de filosofia, caso clínico e literatura testemunhal) que constituem os capítulos do livro. Sendo o ensaio sua forma privilegiada, formam-se também de aforismos, valendo a ideia de “uma forma literária entre o

5. PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 76.

6. PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 129.

7. Em 2016, o autor lança pelo selo editorial Malha Fina Cartonera (São Paulo) o título *Diálogos e incorporações*, em que o procedimento se coloca em plano de destaque, já em título, ao se associar a Nietzsche, Emil Cioran, Rimbaud e Marina Tsvetáieva.

8. PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 74.

e-mail e a oração (entre a captura da informação e o presentimento do poema)”.⁹

Insistir em destacar no autor a hibridização de gêneros estará sempre sob o risco de se confirmar um princípio que atenderia, majoritariamente, à parcela de ficção da obra, ou seja, como se todos os arranjos formais de que se constitui fossem compreendidos como desvio, expansão de um princípio ainda maior, o dos gêneros literários; como se tal hibridização importasse apenas na medida em que sustentasse tratar de uma ficção difusa, quando, em verdade, trata-se de um jogo de expansão do conceito mesmo de literatura. Neste caso, uma volta sobre a medida divisa entre escritores e poetas, escritos e poemas, tornando-a impossível ao tratar, justamente, sobre o fracasso eminente do que almeja o estatuto de literário. Sugerir em Pessanha a estabilidade de mecanismos, procedimentos a favor de um complexo jogo de ficção (esta gerando uma hierarquia catalográfica), tal qual enquadrá-lo em parâmetros de localização na literatura contemporânea,¹⁰ nada mais é do que a face paradoxal que o acompanha, risco de que o fracasso de quem se diz inapto para a intriga, seja também mérito. Esta é a face de revisão em *Recusa do não-lugar*, extremamente ocupado com a certeza de uma dúvida que já se poderia sinalizada no passado.

As alianças de Pessanha (Heidegger, Blanchot, Kafka...) foram sempre forças de existência escrita, um passo fora do exílio, ainda que sobre estar no exílio do *self* negativo tratasse, impossibilidade do contorno identitário, exercício de heterotanatografia,¹¹ contrário de escrita autobiográfica, do clamor da vivência e do vivido. A latência desse movimento dos pares em Sloterdijk explicita, por fim, o princípio desse paradoxo:

Como pode um autor do exílio ser casa para alguém? E um autor da solidão torna-se companhia? E assim é. O encantamento existe quando aquilo que encontramos carrega um pedaço de nós mesmos. E é exatamente essa experiência de alegria, ressonância e expansão de si que está ausente nas obras dos devotos da exterioridade. Os autores da exterioridade não explicitam aquilo que eles possibilitam: o encontro.¹²

O apontamento encontra, por sua vez, o seu prolongamento na experiência mais restrita do autor, escancarando a dúvida citada acima. Assim, o que no passado oscilou ao afirmar não saber “se há o sopro da palavra se inscrevendo em mim ou se é apenas um escritor, um estilista do cabelo azul, simulando o assunto do limiar e do extremo do humano”,¹³ achata-se no presente quando o entendimento de “uma missão epocal” destinada a Pessanha enquanto

9. PESSANHA. Entrevista, p. 48.

10. Pessanha aparece no texto de Leyla Perrone-Moisés chamado “A literatura exigente”, uma tendência que entende por “autores de obras de gênero inclassificáveis, misto de ficção, diário, ensaio, crônica e poesia. São livros que não dão moleza ao leitor; exigem leitura atenta, releitura, reflexão e uma bagagem razoável de cultura, alta e pop, para partilhar as referências explícitas e implícitas. A linhagem literária reivindicada por esses autores é constituída dos mais complexos escritores da modernidade: Joyce, Kafka, Beckett, Blanchot, Borges, Thomas Bernhard, Clarice Lispector, Pessoa... Os autores dessas novas obras nasceram todos por volta de 1960, a maioria deles passou por ou está na universidade [...]” (*Mutações da literatura no séc. XXI*, p. 243-244).

11. No capítulo de nome “Heterotanatografia”, do volume *Instabilidade perpétua*, se percebe claramente a já presença de uma dicção ensaiada a partir de Peter Sloterdijk. O termo é também dissecado no volume *Certeza do agora*.

12. PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 41.

13. PESSANHA. *Testemunho transiente*, p. 230-231.

14. PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 77.

15. PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 85.

16. Assim como o título, a passagem retoma o trecho “Uma casa longe da casa dos homens, para os recuados que têm por missão dizer e guardar o que os adentrados não enxergam” (PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 99).

“espécie de homem requalificado, alguém já talhado para uma nova era alético-poemática”¹⁴ se reverte em pura manifestação de romantismo delirante. Este julgamento não é bem uma reflexão de ordem estética, não diz sobre a percepção de uma apoteose as avessas pela figura autoral, mas sim, uma reflexão que ocorre no intervalo entre literatura e corpo quando o homem privilegiado se mostra enfim um comum preocupado com a sua sobrevivência, “homem em busca de emprego, integração e felicidade”.¹⁵

Frente ao desejo de inclusão, a um só tempo derrubar a casa maquete e reconstruir uma nova casa junto à casa dos homens,¹⁶ Pessanha é devolvido ao limite da patologia, precisa encará-lo novamente sem disfarces, se problematizar na medida do comum. Assim, prevalece uma linguagem mais diretiva, que simplifica, apara as arestas do discurso. Ainda que acostumados, no autor, com a reincidência, com a reiteração, neste caso, sente-se emergir uma repetição improvável ao nível da informação; improvável pois surge como sintoma de um máximo de concisão. E, de tal forma, emergir com maior brilho as passagens propriamente testemunhais que, ao seu modo, tornam palpáveis as dimensões desse trânsito de um lado ao outro, do Fora ao Dentro, que corresponde a estrutura do livro, estritamente amigado da tese defendida pelo autor em 2017, *Peter Sloterdijk: virada imunológica e analítica do lugar*, no Departamento de Filosofia da USP.

Recusa do não-lugar, apesar de novo vocabulário, e dessa mínima mudança panorâmica da linguagem, se afirma literatura, em grande medida, como já se percebia no autor; é ainda produção que, numa contramão, se não o torna propriamente um vendedor de livros, ainda assim lhe garante acolhida editorial justamente por seu caráter disjuntivo face à literatura brasileira contemporânea. O testemunho da ruína do escritor, entretanto, é indiferente a este apontamento, não percebe (ou ignora) que o que condena agora, fez com que se materializasse no catálogo de uma, então, elogiosa e festejada editora. É obra que ainda faz seus leitores e críticos se adequarem de tal forma a garantirem uma consciência limpa, certos de que não encerram as possibilidades de entrada naquela, ao mesmo tempo, livres para ali se projetarem como bem entendem, apesar dos termos contratuais de início, outro mérito/façanha que não se pode ignorar.

Visto a similitude, ainda que a seu modo de revisão, é livro que já nasce esgotado, assim como aquilo que esgota no trajeto anterior percorrido pelo autor, justamente por adquirir o contorno de livro intermediário. Sua forma é a de um declive no qual se cai e que antecede uma verdadeira e significativa (hipotética) mudança de paisagem ou de um corpo de linguagem, para manter a expressão anteriormente utilizada. De tal maneira, estabelece uma nova dimensão do ficcional na obra de Pessanha, sendo esta,

talvez, a sua maior particularidade; uma ideia de ficção construída por uma narrativa entre tempos; um presente que forja um passado e faz, enfim, vislumbrar um futuro na trama que se forma entre os textos.

Ao cabo de tais considerações, *Recusa do não-lugar*, se uma “paixão segundo JP”, faz dessa paixão núcleo de um invólucro, porém, maior, o de um “show de JP”, enquanto medida performática. A começar, obviamente, pela referida ideia de apropriação, de “contrabando” a que Pessanha já havia chamado explicitamente de performance, como constando no índice de *Instabilidade perpétua*, em texto que abria espaço para que Kafka nos falasse diretamente, ele a voz discursiva. Para além disso, medida que assume, como se pode constatar, certa concretude na enorme quantidade de notas de rodapé ou de fim de texto, presentes não apenas nesta *Recusa do não-lugar*, e que testemunham uma composição final surgida a partir de um constante trânsito: textos que são oralizados e transcritos, escritos e oralizados, redistribuídos entre suportes, entre circunstâncias de produção e de enunciação. Em comum, a centralidade de um corpo que funciona como operador, que performa.

Na medida em que se depara com uma porta de saída, antes impensada, é como se se descobrisse em um show de realidade, quando o Fora se revela um primeiro nicho guardado por uma outra redoma que o encobre. Trata-se,

portanto, da revelação de uma paisagem sintética, maquinal; espaço/cenário que reproduz uma paisagem em tamanho real mas que, como todo cenário, ao trabalhar a favor da ilusão, possui um fundo, não falso, mas transponível. Este valor sintético pode ser colhido na “poética velha” do autor apenas como pressentimento em passagens como: “um olho biônico invadido em mim antecipa em pensamento o sentido de cada gesto e de cada palavra que dirijo aos outros”;¹⁷ “(..) não há auto-observação, mas uma autofabricação avassaladora, uma simulação permanente de presença, uma simulação performática de que teve a primeira presença roubada”.¹⁸

Recusa do não-lugar, portanto, é um livro/performance a partir de uma linha tênue entre ser e não ser; é performance elaborada a partir de uma proposição espacial, que consiste na expansão gradativa de uma linha/limite que passa a expor o performer sobreposto a duas paisagens muito distintas entre si. A vida de antes – vagar no *self* negativo – se poderia então problematizada como um cenário construído de forma a parecer totalmente desconectado do “peso e da inércia da materialidade”,¹⁹ um cenário ilusório para quem o ocupa, descrito em todos os termos mais ou menos irônicos e intransigentes (e corajosos) utilizados por Pessanha ao se descobrir nesse limiar. Cenário vendido como privilégio daquele que se ocupava

17. PESSANHA. *Testemunho transiente*, p. 225.

18. PESSANHA. *Testemunho transiente*, p. 226.

19. Os termos foram colhidos no texto de Slavoj Žižek, “Bem-vindo ao deserto do real”.

das coisas maiores, superiores, mas que guardava uma falha qualquer, denúncia de uma qualidade espectral que se poderia comum a qualquer outro cenário sintético de uma sociedade espetacular.

O capítulo final, “Nascer para dentro no mundo de hoje”, encerra-se com a simbólica imagem do homem JP que, devolvido ao mundo, assume a direção de um táxi e segue envergonhado quando se recorda de seu anterior recluso no espanto, no que agora entende por puro delírio. A imagem, aliás, possui um reflexo antecedente no capítulo segundo, “De um lado a outro do entre”, quando relata que brincava de ser táxi nas madrugadas de São Paulo, tarefa de condutor que destino próprio não possuía. A virada da imagem faz de seus componentes – assumir a direção como trabalho, a prótese na artéria ora entupida, o combo de remédios que o acompanham e que fazem doer o estômago – rastros, todos eles, de um estado de sobrevivência que substitui a então autofabricação.

Poderíamos, por fim, enxergar este seguir na direção afeiçoado de um colocar-se no acaso dos dias, ora impenso, no toque da experiência que pode vir a representar um total perder-se de vista. À imagem de um se seus passados aforismos,²⁰ desrecalque a partir do paradoxo do si-mesmo que, contudo, não fora nascer cuspidor para Fora, mas sim, agora, ser devolvido à vida aquele que se poderia

morto, lógica da sobrevida tecnológica médica. Perder-se de vista, pois, como uma despedida do poeta, ficando o homem que, talvez, se baste no uniforme do acadêmico, do filósofo. Mas, ao mesmo tempo, perder-se enquanto dinâmica renovada e imprevista entre o Fora e o Dentro, entre o estranho, que talvez nunca deixe de acoçar o corpo – como uma medida de alerta – e o novo familiar.

REFERÊNCIAS

- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A literatura exigente. In: _____. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 238-252.
- PESSANHA, Juliano Garcia. **Testemunho transiente**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- _____. **Recusa do não-lugar**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- _____. Entrevista. **Teresa**: revista de literatura brasileira, São Paulo, nº 10-11, 2010, p. 48.
- ZIZEK, Slavoj. Bem-vindo ao deserto do real. Trad. Victor Aiello Tsu. **Folha de São Paulo**. São Paulo.

Recebido em: 06-07-2018.

Aceito em: 23-11-2018.

20. “Desrecalque I”, “Desrecalque II”, In: PESSANHA. *Testemunho transiente*, p. 276.